

A PROPAGAÇÃO DAS IDEIAS ANTICOMUNISTAS PARA CRIANÇAS NA EXPOSIÇÃO NACIONAL DO ESTADO NOVO (1938)

André Barbosa Fraga¹

Resumo: Este artigo analisa a política anticomunista desenvolvida pelo governo Vargas, especificamente em suas ações voltadas às crianças brasileiras. Como fonte principal, utiliza-se o livro *Um passeio de quatro meninos espertos na Exposição do Estado Novo*, editado em 1939 pelo Departamento Nacional de Propaganda. Tal publicação almejou alertar os leitores mirins do mal atribuído ao comunismo.

Palavras-chave: Anticomunismo. Exposição Nacional do Estado Novo. Departamento Nacional de Propaganda (DNP).

THE PROPAGATION OF ANTI-COMMUNIST IDEAS FOR CHILDREN IN THE NATIONAL EXHIBITION OF THE NEW STATE (1938)

¹ Doutor e Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Fluminense (UFF). Bacharel e licenciado em história pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). E-mail: <andrebfraga@yahoo.com.br>.

Abstract: This article analyzes the anti-communist policy developed by the Vargas government, specifically in his actions directed at Brazilian children. The main source used is the book *A tour of four smart boys in the New State Exhibition*, edited in 1939 by the National Department of Propaganda. This publication aimed to alert the younger readers of the evil attributed to communism.

Keywords: Anti-communism. National Exhibition of the New State. National Department of Propaganda.

Introdução

A proposta deste artigo é a de analisar um tema que tem sido pouco abordado entre os trabalhos que estudaram o combate ao comunismo ocorrido no primeiro governo Vargas (1930-1945): o anticomunismo voltado para as crianças. No Brasil, a preocupação com a influência comunista e, conseqüentemente, a construção de um discurso anticomunista surgiram logo após a Revolução de 1917, sob forte influência externa, provocada pelo medo dos países capitalistas dominantes da Europa do poder de atração que a Rússia revolucionária poderia ter sobre as massas proletárias.² Em solo brasileiro, a campanha contra o comunismo foi iniciada pela imprensa. Com o passar do tempo, no período de 1917 a 1930, formulou-se a

² MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *Em guarda contra o "perigo vermelho": o anticomunismo no Brasil (1917-1964)*. 2000. 315 f. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, 2000, p. 16.

representação dominante do comunismo como uma ideia alienígena ao país e distante da realidade e das aspirações dos brasileiros.³

Durante o governo Vargas, o combate a essa concepção considerada subversiva foi intensificado e atingiu o auge a partir da chamada Intentona Comunista, movimento armado de militares, deflagrado com a sublevação de quartéis em Natal, no Recife e no Rio de Janeiro, respectivamente, nos dias 23, 24 e 27 de novembro de 1935, o qual tinha por intenção tomar o poder de Getúlio Vargas e instalar um governo popular-revolucionário que prepararia a implantação de um regime socialista no Brasil. Todos esses levantes foram promovidos em nome de uma revolução popular e da Aliança Nacional Libertadora (ANL), movimento político sob a liderança do Partido Comunista Brasileiro (PCB) e de seu principal integrante: Luís Carlos Prestes. O governo, utilizando-se da Lei de Segurança Nacional, havia fechado a ANL em 11 de julho de 1935. Sufocado pelas forças legalistas, o movimento fracassou e o que se seguiu foi uma violenta repressão do governo central a todos os opositores do regime. Esse episódio “desencadeou um processo de institucionalização da ideologia anticomunista no interior das Forças Armadas”⁴ e contribuiu para o fortalecimento da figura de Vargas e o aprofundamento de uma propaganda nacionalista e cívica.

Inclusive, o “perigo vermelho” serviu de pretexto para a instauração no país de um governo autoritário, sob a liderança de

³ Ibidem, p. 20 e 22.

⁴ CASTRO, Celso. *A invenção do Exército brasileiro*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002, p. 49.

Vargas. Inicialmente, o Congresso Nacional, devido à necessidade de punir os envolvidos no episódio de novembro de 1935, já havia aprovado uma série de medidas que ampliavam o poder do presidente. Em fins de setembro de 1937, o serviço secreto do Exército noticiou a descoberta de um plano comunista para tomar o poder, chamado de Plano Cohen, que, na verdade, tratava-se de uma farsa. Aproveitando-se da instabilidade, Vargas instaurou a ditadura do Estado Novo, no dia 10 de novembro de 1937.

Esses eventos estimularam o governo a desenvolver duas formas de combate ao comunismo e de restrição à atuação de seus seguidores. A primeira utilizava a força física, valendo-se da repressão, o que ficou a cargo da polícia. A segunda, de caráter preventivo e de longo prazo, empregada por vários ministérios, buscou acionar políticas culturais que valorizassem a cultura e a história do Brasil, procurando incentivar o amor à pátria e, assim, afastar a influência das ideias socialistas advindas da União Soviética.

A primeira forma de combate ao comunismo descrita acima tem sido objeto de bastante atenção dos historiadores. Muitos trabalhos objetivaram compreender essa repressão marcada pelo uso da violência física, estudando diferentes tipos de perseguição sofridos por todos aqueles que foram identificados como simpatizantes das propostas políticas de esquerda. Essas pesquisas abordaram, por exemplo, a atuação da polícia no fechamento de sindicatos e na prisão

e tortura dos seus integrantes, bem como o cotidiano de violência nos presídios para os quais os presos políticos foram enviados.⁵

A perseguição a escritores também representou uma dimensão importante dessa repressão, sendo dois dos principais exemplos as prisões de Graciliano Ramos, experiência retratada no livro *Memórias do cárcere*,⁶ e de Jorge Amado, cujos livros, entre os quais *Capitães de Areia*, publicado em 1937, foram censurados e queimados em Salvador, ao serem jogados sobre uma fogueira acesa em praça pública.⁷

A segunda forma utilizada pelo governo para combater o comunismo, mais simbólica, também tem sido estudada, mas em menor quantidade.⁸ Ela envolveu, por exemplo, a organização de uma série de palestras intitulada “Os nossos grandes mortos”, promovida por Gustavo Capanema, à frente do Ministério da Educação e Saúde. A principal motivação para a elaboração desse projeto de conferências

⁵ Ver, por exemplo, os seguintes livros: CANCELLI, Elizabeth. *O mundo da violência: a polícia da era Vargas*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2ª edição, 1994; VIANNA, Marly de A. G.; SILVA, Érica S. da; GONÇALVES, Leandro P. (orgs.). *Presos políticos e perseguidos estrangeiros na Era Vargas*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2014; e MOURELLE, Thiago; FRAGA, André (orgs.). *Olhares sobre o governo Vargas*. Rio de Janeiro: Autografia, 2017.

⁶ RAMOS, Graciliano. *Memórias do Cárcere* (vol. I). São Paulo: Record, 1994; e RAMOS, Graciliano. *Memórias do Cárcere* (vol. II). São Paulo: Record, 1996.

⁷ Ver: Cronologia. In: AMADO, Jorge. *Capitães de Areia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, p. 272.

⁸ Um bom exemplo é: NEGRÃO, João Henrique Botteri. *Selvagens e incendiários: o discurso anticomunista do governo Vargas e as imagens da guerra civil espanhola*. São Paulo: Associação Editorial Humanitas/Fapesp, 2005.

visando à valorização de personagens históricos brasileiros foi o combate à subversão.⁹

Além disso, é possível citar a iniciativa governamental de obrigar milhares de jornais brasileiros a participarem da campanha anticomunista, publicando matérias e comunicados da Agência Nacional, repercutindo amplamente o assunto em todo o território do país, tanto nas capitais quanto no interior.¹⁰ A maioria dos trabalhos que estudou a segunda forma de combate ao comunismo descrita focou sobretudo nas ações voltadas para os adultos. Este artigo tem por objetivo demonstrar como os jovens também foram incluídos nesse projeto anticomunista do governo e de que maneira e com que tipo de estratégia essa prática foi desenvolvida.

A Exposição Nacional do Estado Novo, de 1938

Um lugar privilegiado para se pensar nessa política anticomunista voltada para as crianças é a Exposição Nacional do Estado Novo. Essa primeira grande exposição elaborada pela ditadura ocorreu no Rio de Janeiro, em dezembro de 1938, como parte das comemorações do primeiro aniversário do Estado Novo e dos oito anos da chegada de Getúlio Vargas ao poder. Portanto, a mostra buscava revelar ao público as realizações do regime em suas mais diversas áreas de atuação, contando, para isso, com a participação de

⁹ FRAGA, André Barbosa. “Os nossos grandes mortos”: patriotismo em palestras do MES. In: *Os heróis da pátria: política cultural e história do Brasil no governo Vargas*. Curitiba: Prismas, 2015, p. 151-207.

¹⁰ *20 anos de trágica experiência: a verdade sobre a Rússia Soviética*. Rio de Janeiro: DNP, 1938, p. 4.

todos os ministérios. Tendo a Pasta da Justiça, sob a direção de Francisco Campos, como principal organizadora, o evento apresentou comparativamente uma síntese dos avanços alcançados pela nova administração iniciada em 1930 e “aperfeiçoada” em 1937, ao demonstrar a evolução obtida entre o passado e o presente e as expectativas otimistas em relação ao futuro.

Para a execução do empreendimento, aproveitou-se a estrutura já montada na realização da XI Feira Internacional de Amostras do Rio de Janeiro,¹¹ localizada no centro da cidade, na Ponta do Calabouço, região aterrada e reurbanizada na década de 1920 para acolher a Exposição Internacional Comemorativa do Centenário da Independência do Brasil.

¹¹ Iniciada em 12 de outubro e concluída no dia 20 do mesmo mês, a XI Feira Internacional de Amostras do Rio de Janeiro apresentou em mostruários os produtos das principais indústrias brasileiras e estrangeiras. Cada país da América e da Europa presente, além dos estados brasileiros, montou um pavilhão para expor seus itens. Ver: Inaugura-se hoje a XI Feira Internacional de Amostras. Jornal *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, quarta-feira, 12 out. 1938, p. 3; e O encerramento da Feira de Amostras. Jornal *O Radical*, Rio de Janeiro, domingo, 20 nov. 1938, p. 7.

Figura 1: Visão da fachada da Exposição Nacional do Estado Novo



Fonte: Arquivo Gustavo Capanema, GC foto 147/1 e 147/3. CPDOC/FGV.

Primeiramente, é preciso esclarecer o tipo de público esperado no evento. Com o intuito de divulgar o máximo possível as transformações pelas quais o país vinha passando nos últimos oito anos, os organizadores almejavam alcançar a população em geral, de diferentes classes. Sendo assim, os responsáveis pela realização da exposição decidiram que ela constituiria uma mostra “de caráter popular, e para as grandes massas deveriam dirigir o seu apelo. Afastada qualquer tentativa de tornar a Exposição um ‘acontecimento intelectual’, destinado apenas a uma assistência de elite”.¹²

Justamente por esse motivo, todo um esforço foi empregado de modo a facilitar o deslocamento dos interessados em prestigiar o evento, tornando mais acessível a vinda à capital. Nesse sentido, foram obtidas reduções de 30 a 50% nos preços das passagens de trem e do transporte marítimo. Ainda, também contribuindo para atrair os

¹² *Exposição Nacional do Estado Novo*. Rio de Janeiro: DNP, 1939, p. 66.

Cordis. Dimensões do Regime Vargas, São Paulo, n. 18, p. 3-38, jan./jun. 2017. ISSN 2176-4174.

brasileiros, o Sindicato dos Proprietários de Hotéis e Pensões fez uma redução na tabela de cobrança das diárias.¹³ Pelo acordo, todos os descontos seriam mantidos durante o funcionamento da exposição.

Além disso, os curadores tiveram o cuidado de montar os *stands* com uma linguagem acessível a um público-alvo tão diversificado, de modo a se fazer inteligível a qualquer pessoa, mesmo àquelas com pouca educação formal. Para alcançar tal objetivo, foram utilizados numerosos gráficos, mapas, fotografias, estatísticas, maquetes e quadros demonstrativos, elementos dispostos “de forma a proporcionar aos visitantes toda a facilidade na observação e compreensão da evolução e progresso do país”.¹⁴ A estratégia de atrair o público facilitando o seu deslocamento e dispondo as informações na mostra de maneira simples, autoexplicativa, parece ter alcançado o resultado esperado, já que, apenas nos dois primeiros dias, segundo os jornais, mais de 40.000 pessoas visitaram a exposição.¹⁵

Apesar do número considerável, o governo, não satisfeito, procurou divulgar, com a ajuda do rádio, o conteúdo da exposição para todo o Brasil, já que uma parte significativa da população não poderia se deslocar até o Rio de Janeiro. Dessa forma, o programa *Hora do Brasil* fez “uma rápida interpretação da Exposição Nacional

¹³ Ver: A Exposição Nacional do Estado Novo. Jornal *A Batalha*, Rio de Janeiro, quinta-feira, 8 dez. 1938, p. 2.

¹⁴ Ver: A Exposição do Estado Novo. Jornal *A Batalha*, Rio de Janeiro, sexta-feira, 25 nov. 1938, p. 6.

¹⁵ Ver: Exposição Nacional do Estado Novo. Jornal *A Batalha*, Rio de Janeiro, terça-feira, 13 dez. 1938, p. 3.

do Estado Novo para a nova geração, demonstrando o sentido criador do Estado, como resultante da juventude das suas forças”.¹⁶

A Exposição Nacional do Estado Novo foi inaugurada pelo presidente em 10 de dezembro, e nenhuma área de atuação do governo ficou de fora, de maneira que todos os ministérios possuíam seus próprios Pavilhões, assim como outros órgãos da administração: Viação e Obras Públicas, Guerra, Marinha, Educação e Saúde, Exterior, Justiça, Trabalho, Fazenda, Agricultura, Departamento Nacional de Propaganda (DNP), Prefeitura, Instituto do Alcool e Açúcar, Comissariado do Brasil na Feira de Nova York e Departamento Nacional do Café. Além desses, um assunto de grande preocupação do governo ganhou um pavilhão próprio, recebendo materiais ilustrativos fornecidos por quase todos os ministérios: a Exposição Anticomunista, a qual será analisada com detalhes na seção seguinte.

A Exposição Nacional do Estado Novo logo alcançou destaque, tornando-se sucesso de crítica e de público. Por essa razão, a data de encerramento, marcada para 31 de dezembro, foi prorrogada. O Ministério da Justiça, devido ao êxito evidente do evento, organizou um novo programa de atividades que teve início em 1º de janeiro de 1939 e foi finalizado no dia 22 do mesmo mês.¹⁷ Sem dúvida, muito do interesse do público pela mostra se deveu às diversas atrações

¹⁶ Ver: Uma visita à Exposição do Estado Novo. *Jornal A Batalha*, Rio de Janeiro, sexta-feira, 16 dez. 1938, p. 6.

¹⁷ Ver: Será prorrogada a Exposição Nacional do Estado Novo. *Jornal A Batalha*, Rio de Janeiro, domingo, 25 dez. 1938, p. 8.

paralelas à exibição dos feitos do governo Vargas, como queima diária de fogos de artifício, lutas de boxe e grandes concertos musicais.¹⁸

A Exposição Anticomunista

A inserção de um *stand* anticomunista no interior da Exposição Nacional do Estado Novo tinha a função de condensar todas as ideias sobre o assunto que estavam sendo produzidas pelo governo e disseminadas por vários meios, tendo a literatura destaque entre eles. O Departamento Nacional de Propaganda, ao longo de sua existência, investiu em publicações voltadas a fortalecer a campanha antissoviética então em voga. Esse dado revela a importância fulcral da política de combate ao comunismo na própria existência da ditadura do Estado Novo, daí a preocupação e a necessidade de o principal órgão de propaganda do regime divulgá-la constantemente. Por exemplo, entre outros, dois livros encarnaram bem esse espírito: *20 anos de trágica experiência: a verdade sobre a Rússia Soviética e Evolução do comunismo no Brasil*.

O primeiro foi publicado em 1938 e objetivou descrever os malefícios que duas décadas de implantação do comunismo na Rússia teriam provocado ao resto do mundo. O intuito era desmentir uma imagem considerada tanto equivocada quanto muito difundida no Brasil por livros de propaganda da chamada “revolução vermelha”, os quais empolgavam e seduziam a mocidade brasileira. Essa visão apresentava a Rússia como um “paraíso terrestre, onde os homens

¹⁸ Ver: A Exposição do Estado Novo está obtendo o maior êxito. Jornal *O Imparcial*, Rio de Janeiro, domingo, 18 dez. 1938, p. 3 e 16.

viviam felizes, em igualdade de condições, sob a proteção de um governo exemplar, um país sem classes, sem conflitos de interesses e em ascendente progressão civilizadora”.¹⁹ O livro em questão se propunha, portanto, a acabar com essa versão, considerando-a uma ilusão nociva à sociedade e colocando em seu lugar uma outra, tida como a “verdade” sobre aquele regime.

Dessa forma, a função da publicação foi a de tornar generalizada essa outra visão, de maneira a alertar e a conscientizar a população dos riscos de se iludir com “falsas informações” sobre a vida na Rússia. Para isso, pôs-se, ao longo de suas 94 páginas, a rever e a desmontar um a um aqueles que considerou “mitos” construídos em torno da experiência comunista. Entre outras, o livro denunciou as seguintes transformações operadas na Rússia após a ascensão dos bolcheviques: a subserviência dos intelectuais e a conseqüente inutilidade de suas obras, o que provocou a decadência da cultura de um modo geral (como literatura e música); o fracasso da educação, anunciada pela URSS como promissora, mas que, pelo contrário, apresentava os piores resultados; a falta de liberdade de pensamento, de opinião, de reunião, de imprensa e de associação, sendo a mínima crítica ao sistema punida com prisões, inclusive em campos de concentração, e com mortes por fuzilamento.

Acrescentou, ainda, as péssimas condições de trabalho, muitas vezes beirando a escravidão, o que anulava a ideia da Rússia soviética como um paraíso do proletariado; a produção baseada na coletivização

¹⁹ *20 anos de trágica experiência: a verdade sobre a Rússia Soviética*. Rio de Janeiro: DNP, 1938, p. 3.

da agricultura foi responsável por provocar uma miséria crônica; a destruição da família, o que estimulou o divórcio e o aumento significativo do número de crianças abandonadas e da criminalidade infantil; e, no domínio religioso, a imposição do ateísmo fez com que um dos povos mais religiosos da Europa precisasse abolir à força suas práticas, como a festa do Natal, outrora cultuada em todas as famílias. Enfim, o livro procurou mostrar que a experiência comunista na URSS se revelou uma teoria falsa, desumana e antissocial, aplicada e mantida pelo terror, não suprimindo, como prometido, os abusos e os excessos do capitalismo. Ao contrário, tê-los-ia agravado.

Já em relação à segunda obra, o governo a editou em 1939. O principal objetivo de *Evolução do comunismo no Brasil*,²⁰ como o próprio título já deixa transparecer, foi o de apresentar aos leitores, do ponto de vista histórico, as articulações políticas dos comunistas no país e a trajetória empreendida por eles em busca do poder. Com esse intuito, o texto descreve os principais eventos que teriam contribuído para a propagação de tais ideias e as circunstâncias que estimularam e tornaram possíveis, direta ou indiretamente, os dois movimentos considerados centrais na construção narrativa apresentada: a chamada Intentona Comunista, de 1935, e o Plano Cohen, de 1937.

Na interpretação da autora, a penetração da propaganda comunista no Brasil se deu por iniciativa de agentes de Moscou, os quais teriam passado a agir ativamente no país principalmente a partir de 1922, ano de fundação do Partido Comunista Brasileiro (PCB). Em

²⁰ SOUZA, Odette de Carvalho e. *Evolução do comunismo no Brasil*. Rio de Janeiro: DNP, 1939.

1925, uma reunião do *Komintern* deliberou pela criação de um “Secretariado especial para a América Latina”, o que teria ampliado a influência e o desenvolvimento das ideias comunistas, em busca da bolchevização do continente. A criação da Aliança Nacional Libertadora (ANL) seria reflexo direto disso. Na visão apresentada pela publicação, a Lei de Segurança Nacional e o fechamento da ANL foram as respostas do governo ao crescimento do comunismo, o que provocou, como retaliação, a preparação do golpe instaurado em novembro de 1935. Segundo o livro, este acabou conduzido principalmente por elementos estrangeiros e também por brasileiros, considerados traidores da pátria. A repressão do governo foi rápida e os envolvidos responsabilizados e presos.

A segunda parte da publicação explica que, apesar da ação repressiva, a propaganda comunista não esmoreceu e seus simpatizantes articularam um novo movimento, com a criação da “Frente Popular Democrática”. De olho nas eleições presidenciais, durante os anos de 1936 e 1937, os comunistas voltaram seus esforços ao trabalho de propaganda junto ao Parlamento. Em outubro de 1937, um novo complô comunista para tomar o poder e implantar seu regime no Brasil teria sido descoberto pelo Estado Maior do Exército e amplamente divulgado pelos jornais e pelo rádio. Para proteger o país, em 10 de novembro de 1937 a Câmara foi dissolvida e promulgada uma nova constituição, sob a qual se alicerçou o Estado Novo. A autora conclui que, tendo em vista a amplitude que assumiu a revolução comunista no Brasil, era de suma utilidade evidenciar, de

forma extensa, o movimento. Tal exposição e os ensinamentos aferidos com ela, bem como as precauções e medidas preventivas que induziriam a tomar, podiam constituir um elemento eficaz de defesa para o Brasil.

Voltando à Exposição Anticomunista, é possível considerá-la como a tentativa do governo de levar as ideias contrárias ao regime russo, e já presentes nos livros, para um público mais abrangente, formado por milhares de pessoas, de todas as idades, que prestigiaria a Exposição Nacional do Estado Novo, como visto, durante o período de dezembro de 1938 a janeiro de 1939. O DNP considerou a exposição, do ponto de vista técnico, como “uma demonstração de publicidade completamente nova entre nós, pela originalidade da sua organização”.²¹ Muito por isso, o governo aproveitou essa estratégia de divulgação, que estava sendo testada, para incluir o Pavilhão Anticomunista na mostra sobre as realizações do regime. Assim, não se perderia a oportunidade de alertar um número maior de brasileiros a respeito dos malefícios atribuídos ao comunismo e, ao mesmo tempo, de difundir as ações decisivas do governo contra a propaganda e a atuação soviética no Brasil.

Dada a importância desse pavilhão, a ele foi atribuída uma atenção especial. Havia a expectativa de que, por seu intermédio, seria posta em prática “uma das mais expressivas propagandas contra o credo vermelho até hoje levadas a efeito deste lado do Atlântico”.²² Sendo assim, quase todos os ministérios contribuíram para a

²¹ *Exposição Nacional do Estado Novo*. Rio de Janeiro: DNP, 1939, p. 66.

²² *Ibidem*, p. 66.

montagem desse pavilhão, ao fornecerem material ilustrativo pertinente. Para efeito de curiosidade, o Ministério da Educação e Saúde, por exemplo, conforme revela documentação depositada no Arquivo Gustavo Capanema, poderia cooperar para o empreendimento, caso se fizesse necessário, com os seguintes serviços:

- a) Promover um concurso, entre escritores nacionais, de uma obra de exposição crítica do comunismo, na sua ideologia e nas suas realizações.
- b) Fazer uma bibliografia anticomunista para ser distribuída na exposição.
- c) Promover, durante o período da exposição, conferências e outros atos de propaganda anticomunista em todas as escolas normais, profissionais, secundárias e superiores da República.
- d) Fazer um álbum contendo os principais documentos da exposição, para distribuição nas escolas e ao público em geral.
- e) Fazer montar a primor uma peça de teatro de propaganda anticomunista, para ser representada durante o período da exposição.²³

A revista *Exposição Nacional do Estado Novo*, espécie de catálogo da mostra, publicada pelo DNP, detalha o conteúdo constitutivo de cada um dos pavilhões. O espaço referente ao anticomunismo apresenta, através de farta ilustração, com fotografias, objetos e quadros comparativos, dados pormenorizados da evolução do comunismo no mundo e no Brasil, com destaque para a Guerra

²³ Arquivo Gustavo Capanema, GC f 1935.05.00 (II-21). CPDOC/FGV.

Civil Espanhola, a chamada Intentona Comunista e o Plano Cohen.²⁴ As peças em exposição foram obtidas não apenas por intermédio dos ministérios. Por exemplo, a polícia disponibilizou arquivos do Partido Comunista que haviam sido apreendidos por ela e revelou informações contidas nos processos julgados pelo Tribunal de Segurança Nacional, órgão instituído a partir de 1935 para julgar os crimes políticos.²⁵ Ao analisar em sua tese de doutorado cartas trocadas entre os organizadores do Pavilhão Anticomunista, João Henrique Botteri Negrão mostrou, inclusive, a contribuição internacional, uma vez que o Ministério da Justiça encomendou diretamente à Alemanha e à Itália quase todo o material fotográfico referente à ação universal do comunismo.²⁶

Obviamente, o movimento comunista é descrito em tom depreciativo, de maneira a alertar o público visitante do perigo dos subversivos, considerados os maiores inimigos da pátria brasileira. Para tal, os organizadores da exposição utilizaram muitas ilustrações, como imagens da primeira capa de jornais comunistas e operários que circularam no Brasil, cartazes políticos de candidatos identificados com legendas de esquerda e fotografia e assinatura de Luís Carlos Prestes. Esse fardo emprego de imagens tinha a função de dar um rosto ao inimigo, sempre associando-o a movimentos conspiratórios a serviço dos interesses da Rússia, país que personificava e disseminava

²⁴ O espaço do catálogo reservado à Exposição Anticomunista está compreendido entre as páginas 67 a 96.

²⁵ *Exposição Nacional do Estado Novo*. Rio de Janeiro: DNP, 1939, p. 68.

²⁶ NEGRÃO, João Henrique Botteri. *Selvagens e incendiários: o discurso anticomunista do governo Vargas e as imagens da guerra civil espanhola*. São Paulo: Associação Editorial Humanitas/Fapesp, 2005, p. 140.

o mal pelo mundo.²⁷ A fotografia abaixo, por exemplo, foi adotada nesse sentido. É possível observar, centralizado na imagem, ao fundo, um retrato do maior líder da Revolução Russa, Lênin.

Figura 2: Integrantes do Congresso Comunista de Recife, ocorrido em 1932



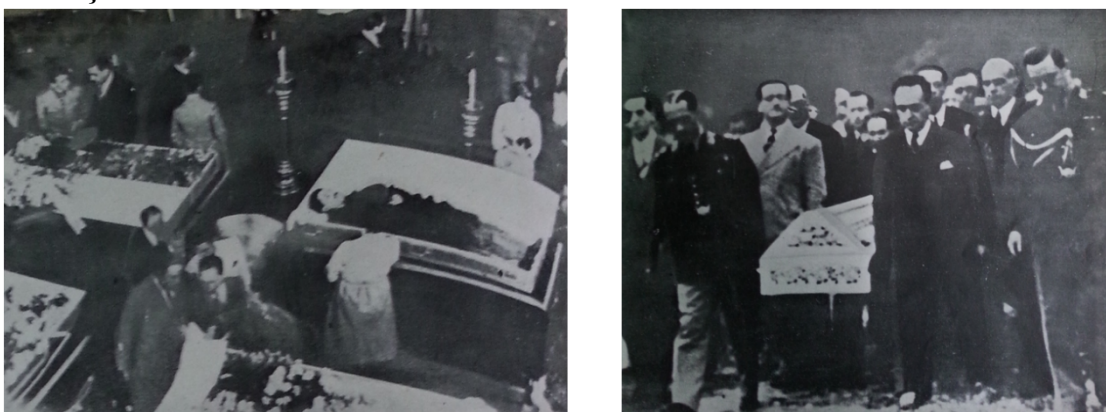
Fonte: *Exposição Nacional do Estado Novo*. Rio de Janeiro: DNP, 1939. P. 81.

Da mesma maneira que as imagens serviam para identificar inimigos, foram utilizadas igualmente para enaltecer aqueles que eram considerados heróis na luta contra os subversivos. Fotografias das destruições ocorridas em Natal, no Recife e no Rio de Janeiro, por ocasião do movimento de 1935, e dos militares que faleceram tentando garantir a ordem serviam para demonstrar o grau de violência dos rebeldes. Com o mesmo objetivo, no centro do Pavilhão Anticomunista, foi erguida uma coluna em homenagem à memória dos militares mortos em 27 de novembro de 1935 na defesa do

²⁷ Ibidem, p. 147.

regime.²⁸ As imagens abaixo, do velório dos militares assassinados durante a insurreição, representam bem essa tentativa de torná-los heróis do combate ao comunismo. Além disso, a presença de Vargas na cerimônia, inclusive ajudando a carregar um dos caixões, legitima a repressão como necessária e o qualifica como um dos principais inimigos e combatentes do comunismo.

Figura 3: Velório de militares assassinados em decorrência da insurreição comunista de 1935



Fonte: *Exposição Nacional do Estado Novo*. Rio de Janeiro: DNP, 1939. P. 94 e 95.

O anticomunismo para crianças no livro *Um passeio de quatro meninos espertos na Exposição do Estado Novo*

Além dos adultos, a Exposição Nacional do Estado Novo tinha nos jovens o público-alvo. Daí o interesse de que as famílias levassem os filhos pequenos para prestigiar a mostra. Estimulando isso, foi armada uma tela nas dependências do evento, formando um cinema ao ar livre,²⁹ bem como houve a organização de uma corrida de carros

²⁸ Ver: Exposição Nacional do Estado Novo. *Jornal A Batalha*, Rio de Janeiro, terça-feira, 13 dez. 1938, p. 3.

²⁹ Ver: A Exposição do Estado Novo. *Jornal A Batalha*, Rio de Janeiro, sexta-feira, 25 nov. 1938, p. 6.

entre as crianças presentes com sorteio de um automóvel a gasolina.³⁰ Além disso, negociou-se para que o Parque Shanghai, uma das principais atrações da XI Feira Internacional de Amostras do Rio de Janeiro, mantivesse-se montado também durante o evento a respeito das realizações do Estado Novo. No desejo de colaborar para o sucesso da iniciativa governamental e para o aumento do público infantil, a empresa de diversões resolveu estabelecer preços populares, reduzindo o valor cobrado para a entrada em seus principais aparelhos, como montanha russa, polvo, Palácio das Gargalhadas e Roma Antiga.³¹

Ainda no interior dessas ações da Pasta da Justiça, de divulgação para as crianças das realizações do governo, o Departamento Nacional de Propaganda, órgão submetido àquele ministério, publicou *Um passeio de quatro meninos espertos na Exposição do Estado Novo*. O livro conta a estória de uma excursão escolar fictícia à mostra sobre as realizações do governo, promovida pela personagem principal, a professora Maria de Lourdes. A visitação foi motivada por uma pergunta curiosa feita pelo aluno João no meio de uma lição na escola: “– Dona Maria, esse Brasil Novo de que estão falando é algum outro Brasil mais moço que descobriram agora?”³²

Diante da dúvida apresentada, a docente resolve levá-lo, juntamente com os demais colegas de turma, Antônio, Gustavo e

³⁰ Ver: Na Exposição Nacional do Estado Novo. Jornal *A Batalha*, Rio de Janeiro, terça-feira, 27 dez. 1938, p. 3.

³¹ Ver: O Parque Shanghai e a Exposição Nacional do Estado Novo. Jornal *A Batalha*, Rio de Janeiro, domingo, 11 dez. 1938, p. 3.

³² *Um passeio de quatro meninos espertos na Exposição do Estado Novo*. Rio de Janeiro: DNP, 1939, p. 3.

André, na tarde do dia seguinte, a uma atividade extraclasse: “– Para responder bem direitinho à pergunta de Joãozinho, não teremos aula amanhã, porque vamos fazer um bonito passeio. Vamos ver o Brasil Novo, na Exposição Nacional do Estado Novo, na Feira de Amostras”.³³ E assim, ao longo da publicação, o leitor acompanha minuciosamente o percurso do grupo por quase todos os pavilhões do evento, com a explicação em detalhes de dados sobre a natureza do material exposto.

Figura 4: Capa do livro *Um passeio de quatro meninos espertos na Exposição do Estado Novo*



Dessa forma, o livro, conforme indicado pelo jornal *Gazeta de Notícias*, ao ser distribuído entre as escolas brasileiras, destinava-se “a

³³ Ibidem, p. 4.

ilustrar amplamente os nossos jovens patricios sobre tudo que foi exposto ao público durante a realização daquela grande mostra do trabalho nacional”.³⁴ Enfim, a publicação em questão, voltada às crianças e utilizando uma linguagem apropriada a elas, almejou cumprir a mesma função atribuída ao catálogo *Exposição Nacional do Estado Novo* para os adultos. Com isso, a campanha anticomunista, encabeçada pelo governo e já divulgada por intermédio do DNP, em publicações como *20 anos de trágica experiência: a verdade sobre a Rússia Soviética* e *Evolução do comunismo no Brasil*, dava mais um passo em busca de sua completa disseminação, ao voltar-se especificamente para o público mirim, dos pequenos brasileiros em formação.

Na verdade, *Um passeio de quatro meninos espertos na Exposição do Estado Novo* não foi a primeira obra do DNP dirigida às crianças a referir-se ao comunismo. Outras também cumpriram esse papel, mas sem dar tanto destaque ao assunto. Um exemplo é o livro *O Brasil é bom*, publicado em 1938. Na introdução, pede-se para os meninos lerem o trabalho com atenção, de forma a melhor aprenderem seus ensinamentos. Dividido em trinta lições, na sétima é explicado que no Brasil não cabem regimes de importação:

Que são regimes de importação? São formas de governo de outros povos, diferentes do nosso, com outros problemas que o Brasil não tem. O comunismo é um mal. No Brasil não há lugar para o comunismo. Que é o comunismo? É o

³⁴ Ver: Um passeio de quatro meninos espertos na Exposição do Estado Novo. *Jornal Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, domingo, 2 jul. 1939, p. 8.

regime de escravidão que reduziu a Rússia à miséria. A Rússia é um país infeliz. Lá, impera o comunismo. O Brasil é um país feliz. Nele, o comunismo não encontra lugar. O comunismo foi implantado na Rússia num momento de desespero. País onde a fome reinava, nasceu um regime que visava dividir por todos, não só os bens como as terras. Mas, como o país era pobre, os pobres não melhoraram e os ricos pioraram. O comunismo foi a divisão da miséria por todos. E o Estado passou, na Rússia, a ser um patrão odioso e cruel de todos os homens, quando o fracasso do comunismo se patenteou.³⁵

Voltando a *Um passeio de quatro meninos espertos na Exposição do Estado Novo*, este livro retratou a visita do grupo a vários pavilhões da exposição. Na sequência apresentada, após inspecionarem os espaços dedicados aos ministérios da Viação e da Agricultura, a professora e seus alunos chegam ao Pavilhão Anticomunista. É importante notar que nem todas as salas montadas na mostra apareceram nesse livro. Portanto, a escolha do autor em retratar o ambiente voltado ao combate ao comunismo pode ser explicado principalmente pela importância crescente do tema para o governo – afinal, a própria instauração do Estado Novo foi justificada por esse assunto – e pela necessidade do DNP de levá-lo ao conhecimento das crianças, público que passou a ser alçado a alvo privilegiado da campanha anticomunista do regime. Conforme observado por Maurício Parada, essa intensa preocupação com o jovem encontrava-se ligada a uma visão da juventude como reserva política a ser cuidada, de forma a garantir a manutenção do regime no

³⁵ *O Brasil é bom*. Rio de Janeiro: DNP, 1938. Não paginado.

futuro.³⁶ Portanto, para isso, era preciso preservar nas próximas gerações questões-chave da ditadura. O anticomunismo, considerado uma delas, juntou-se em importância às outras, como a garantia da unidade e da defesa nacionais.

Na obra, logo que chegam ao pavilhão em questão, a professora trata de explicar aos alunos o intuito do governo com tal ambiente: “foi instalado para mostrar aos visitantes os piores inimigos do Brasil e de todos os países que querem viver em ordem e em paz – os comunistas”.³⁷ Em seguida, ela pede que os alunos vejam um grande livro aberto na exposição, inserido pelos organizadores para servir de instrumento de comparação entre o regime político russo e aquele implantado por Vargas no Brasil. A página localizada à esquerda (inclusive, muito provavelmente, do ponto de vista simbólico, tendo sido proposital essa escolha) mostrava o que o comunismo almejava. Já a da direita revelava, ao contrário, as intenções do Estado Novo.

Cotejando as duas, explicou a professora, daria para identificar a grande diferença entre o que o Estado Novo (ou o Brasil Novo que o Joazinho pensava ser um outro Brasil mais moço e recém-descoberto) possuía de bom e o que o comunismo tinha de mau. Para certificar-se disso, Maria de Lourdes pediu a Antonio e a Gustavo que lessem cada um a primeira linha das páginas. Em uma estava escrito: “O comunismo quer submeter o Brasil a um governo internacional,

³⁶ PARADA, Maurício. *Educando corpos e criando a nação: cerimônias cívicas e práticas disciplinares no Estado Novo*. Rio de Janeiro: PUC-Rio/Apicuri, 2009, p. 40.

³⁷ *Um passeio de quatro meninos espertos na Exposição do Estado Novo*. Rio de Janeiro: DNP, 1939, p. 47.

dependente de Moscou!”³⁸ Por sua vez, na outra: “O Estado Novo quer dar ao Brasil um governo nacional dependente apenas da vontade do seu povo!”³⁹

A inserção dessas passagens, escritas em páginas do livro em exposição, serviu de pretexto para o DNP fazer comparações entre o comunismo e o Estado Novo, de modo que os jovens leitores desenvolvessem ojeriza àquele e apreço a este. Ao explicar de maneira mais simplificada o que os alunos haviam acabado de ler, a professora acrescentou que:

Enquanto o comunismo quer que o Brasil seja governado por estrangeiros e submetido aos caprichos tirânicos dos comunistas de Moscou, que mandam nos comunistas de todo o mundo, o Estado Novo quer que o Brasil tenha no governo um brasileiro, como o Presidente Getúlio Vargas, que não dependa do governo de nenhum país e represente verdadeiramente a vontade do seu bom e pacífico povo. A diferença é grande, não acham vocês?⁴⁰

Em seguida, ainda interessada no livro, ela pede a Joãozinho que também leia um trecho: “– O comunismo quer a luta de classes como regime social permanente!”⁴¹ Novamente, a docente explica às crianças, de maneira mais palatável, o que isso significava:

Quer dizer que, ao invés de promover a harmonia entre os operários e os patrões, criando um ambiente de ordem e de paz, onde todos trabalhem com alegria e esperanças, o

³⁸ Ibidem, p. 48.

³⁹ Ibidem, p. 48.

⁴⁰ Ibidem, p. 48 e 49.

⁴¹ Ibidem, p. 49.

comunismo quer que os operários vivam brigando com os patrões, vivam em greve, as fábricas paradas, não trabalhando e não deixando os outros trabalhar, fazendo desordens e matando. Mas isso felizmente ele não consegue no Brasil.⁴²

O livro segue, então, explicando a suposta “harmonia entre as classes” desenvolvida por Vargas ao criar as leis trabalhistas e regulamentar o mercado de trabalho no Brasil. Segundo a publicação, os operários, graças às leis desenvolvidas pelo presidente, viviam muito bem com os patrões, trabalhando todos juntos pela prosperidade do país: “O Presidente Getúlio Vargas deu-lhes tudo o que era de justiça dar. Deu-lhes horas de trabalho, lei de férias, pensões nas enfermidades, aposentadoria na velhice, garantia no emprego, casa própria e ainda vai dar-lhes salário mínimo”.⁴³ Segue a publicação explicando aos leitores mirins a grande diferença entre o comunismo e o Estado Novo: antes de o presidente Vargas chegar ao poder, os operários viviam em greve, reclamando direitos, queixando-se de misérias e abandonando as fábricas. Muitos deles ainda eram “enganados” pelos comunistas, com a falsa promessa de que a vitória do comunismo no Brasil levaria a um mundo de coisas maravilhosas. Segundo o livro, tal promessa era inteiramente impossível e falsa:

– Ao contrário disso e apesar das suas promessas, o comunismo não tem dado nada aos operários. Na Rússia, o único país cujo governo infelizmente está nas mãos dos comunistas, o que se vê é operário escravizado e morrendo de fome e frio porque não encontram trabalho, enquanto

⁴² Ibidem, p. 49.

⁴³ Ibidem, p. 51.

seus filhos, como aquele menino que Joaozinho viu chorando naquela fotografia, ficam abandonados nas ruas, ficam uns vadios, acabam furtando, criminosos dos piores crimes.

– Que pena!

– Pois é, Joãozinho. Que pena! Como eu dizia, neste grande livro está o que o comunismo quer tão diferente do que o Estado Novo está dando aos brasileiros, sem precisar prender nem matar ninguém.⁴⁴

Claramente, essa visão depositava na fórmula empregada pelo Estado Novo, e desenvolvida pelo Ministério do Trabalho, de cooperação entre burguesia e classe operária, em detrimento do conflito, como a melhor solução para o problema laboral no Brasil. Dessa forma, a suposta pacificação promovida pela ditadura, às custas da submissão do trabalhador, anulava a necessidade de os operários fazerem greve, arruaças e desordens, comuns durante a Primeira República. Da mesma forma, não haveria mais motivos para se iludir com as promessas feitas por ideologias externas à cultura brasileira. Essa versão, para ser desenvolvida, promoveu alguns silêncios, ao ignorar toda a violência empregada contra sindicalistas, operários e simpatizantes do comunismo, muitos deles presos sem provas e submetidos à deportação, caso estrangeiros, à tortura e à morte.

Assim como o catálogo *Exposição Nacional do Estado Novo* havia feito para os adultos, *Um passeio de quatro meninos espertos na Exposição do Estado Novo* intensificou junto às crianças a imagem dos comunistas como inimigos perigosos e cruéis, dispostos a provocar as piores destruições e mortes, e de Vargas como o brasileiro

⁴⁴ Ibidem, p. 52 e 53.

capaz de detê-los. Novamente, é pela fala da professora que o discurso oficial do regime é transmitido. Mais uma vez, Maria de Lourdes pôs-se a explicar algo aos alunos. Buscando tranquilizá-los, ela contou que de fato os comunistas viviam procurando fazer revoluções e desordens por toda a parte, mas “felizmente no Brasil eles sempre perderam e foram definitivamente vencidos pelo Presidente Getúlio Vargas, considerado no mundo inteiro como um dos mais enérgicos inimigos do comunismo”.⁴⁵ Em seguida, o grupo visualizou fotos que demonstravam a violência desproporcional aplicada pelos rebeldes. Nesse momento, o livro fez questão de acusá-los de terem assassinado colegas de farda ainda dormindo, denúncia até hoje muito controversa, mas que tinha grande impacto:

– Aqui no Rio, transformados em verdadeiras feras, eles mataram companheiros que dormiam e revoltaram o quartel do 3º Regimento de Infantaria, na Praia Vermelha, com o intuito de tomarem conta da cidade. Venham ver. Pode aproximar-se, Joãozinho. Não tem mais tiros, não. Olhem como ficou a fachada do quartel. Tudo estragado pelas balas. Foram as bombas e granadas.⁴⁶

Por fim, após descrever a contribuição do governo Vargas para o mundo do trabalho e o esforço pessoal do presidente no combate à subversão, a parte final do livro dedicada ao pavilhão anticomunista é encerrada com explicações sobre questões morais envolvendo a “preservação das famílias”, algo com a qual, segundo a publicação, o comunismo queria acabar:

⁴⁵ Ibidem, p. 54.

⁴⁶ Ibidem, p. 54 e 55.

– Vejam aqui, nestes dizeres do livro grande: os comunistas querem acabar com a família. Querem que você, Zézinho, seja afastado do seu papai e da sua mamãe, que não queira mais bem aos seus irmãos e não goste dos seus parentes. Não querem que exista religião nem Deus e querem acabar com a nossa bandeira, tão bela, a mais bela do mundo e tão amada por todos os brasileiros.

Em lugar da nossa bandeira, eles querem uma bandeira vermelha, vermelha como fogo e sangue, os seus grandes aliados! Agora, Tônico, pergunto-lhe: você, que é um menino bom e inteligente, você poderá estar de acordo com isso?

– Deus me livre, Dona Maria! Quero que a nossa bandeira continue a existir, verde e amarela como sempre foi, a mais bonita e a mais querida de todas as bandeiras do mundo!⁴⁷

Com isso, é possível concluir que a principal estratégia utilizada nessa publicação para sensibilizar os pequenos brasileiros leitores a se juntarem à causa anticomunista foi demonstrar principalmente de que maneira uma troca repentina de regime impactaria diretamente suas vidas. Claro, apontar diferenças significativas existentes na forma de conduzir as questões trabalhistas entre um modelo político considerado “alienígena” à cultura brasileira e outro tido como “nacional” é importante e obteve certo efeito, porque refletia na vida dos pais dos leitores e, conseqüentemente, na deles. No entanto, conforme a citação demonstra, o DNP lançou mão também de exemplos mais diretos, cuja carga dramática parecia tocar profundamente o sentimento dos leitores e despertar em cada um deles os seus piores temores.

⁴⁷ Ibidem, p. 53.

Em outras palavras, a publicação apostou no impacto direto que traria apresentar as mudanças negativas às quais supostamente todos os jovens, sem exceção, teriam de se submeter caso imperasse o comunismo no maior país da América do Sul. Por isso, a ideia da “destruição das famílias” tinha um forte apelo, já que levava o próprio leitor a se imaginar separado bruscamente dos pais e dos irmãos, rompendo seus laços mais importantes e, com eles, a base de sua existência. Contribuía para essa percepção uma série de fotografias exibida na exposição e à qual o livro faz referência constante, retratando, entre outros, meninos “que sofrem e choram no meio das ruas, abandonados como se fossem uns bichos sem donos”.⁴⁸ Em outro momento, Maria de Lourdes volta a pedir atenção dos alunos para determinadas fotografias tiradas nas ruas de Moscou:

– São fotografias de homens, de mulheres e de crianças andando a toa pelas ruas, sem casa e sem destino, famintos e tiritando de frio. Não têm casa, nem onde comer. Morrem pelas ruas e pelas ruas ficam os seus cadáveres, sem que ninguém se incomode.

Quando os comunistas tomaram conta do governo da Rússia, o povo começou logo a sofrer toda sorte de privações. Quem fizesse a menor reclamação era condenado à morte.⁴⁹

Como última cartada nessa estratégia de sensibilizar os leitores mirins brasileiros do perigo que representaria o comunismo, o espaço do livro dedicado ao Pavilhão Anticomunista chega ao fim com um

⁴⁸ Ibidem, p. 48.

⁴⁹ Ibidem, p. 55.

ponto intitulado “O comunismo matou Papai Noel”. Nele, o DNP passou a investir em um dos símbolos mais queridos das crianças e em uma das datas mais aguardadas por elas. Novamente, a professora pediu atenção aos seus alunos com o intuito de explicar-lhes sobre outras imposições promovidas pelo regime comunista. Para a total insatisfação dos jovens, tratava-se da proibição da celebração do Natal e do fim da visita anual do “bom velhinho” a fim de entregar brinquedos às crianças:

Muitas coisas boas e bonitas da vida dos meninos foram proibidas.

– O Papai Noel, por exemplo. Todo menino gosta da Festa de Natal, uma festa boa, na qual todo mundo, mesmo as pessoas grandes, recebem presentes. Seu pai não dá um presente à sua mãe, Gustavinho?

– Dá, Dona Maria! E o Papai Noel é quem me dá!

– E sua mãe dá também um presente a seu pai. Para dar presentes aos meninos tem Papai Noel, velhinho, de barbas brancas, com o saco cheio de brinquedos e chegando devagarinho, pisando de mansinho, para não acordar os meninos. Quanta alegria quando a gente olha de manhã para os sapatos e eles estão cheios de brinquedos!

Pois os comunistas acabaram com o Papai Noel e com a linda e gostosa festa do Natal.

Os meninos da Rússia hoje não têm mais Papai Noel. Estão proibidos de receber presentes de Papai Noel. Em todos os países, há Papai Noel, menos nos países dos comunistas. E agora, “seu” Joãozinho, você gostaria de morar num país assim?

– Nem me pagando, Dona Maria!”⁵⁰

Ao sair da área dedicada ao anticomunismo, o grupo escolar ainda passou pelos pavilhões dos ministérios da Guerra, da Marinha,

⁵⁰ Ibidem, p. 55 e 56.

da Educação e Saúde, do Trabalho e da Fazenda. Por fim, o passeio foi encerrado com a ida de todos ao Parque de Diversões instalado no local, conforme a promessa feita por Maria de Lourdes. Mas antes a professora disse algumas palavras, que fecham o livro e resumem os objetivos e o conteúdo da exposição a respeito das realizações do governo:

– Tudo isso que acabamos de ver, esse grande trabalho em todo o nosso grande Brasil, os campos com os açudes, as novas indústrias, os aviões, os operários satisfeitos e felizes, os meninos doentes bem tratados, os soldados cuidando de defender bem o Brasil, a Marinha construindo navios, novas estradas sendo construídas, novas minas exploradas, nosso pão brasileiro sendo fabricado, toda essa ordem, essa tranquilidade e segurança em que agora vivem os brasileiros, tudo isso Joãozinho, de melhor, de mais bonito e de mais sério, é o Brasil Novo de que você falou. O Brasil Novo começou e continuará com o nosso Presidente Getúlio Vargas porque assim querem todos os meninos e todas as meninas, todos os operários, todos os comerciantes, todos os lavradores, todos os soldados e todos os marinheiros do Brasil. O Brasil inteiro quer o Presidente Getúlio Vargas, porque ele é justo, é patriota e é amigo de todos os brasileiros.⁵¹

Considerações finais

Conforme esta pesquisa demonstrou, a estratégia de divulgação do anticomunismo entre a população, durante os primeiros anos do Estado Novo, foi bastante diversificada, envolvendo a produção de livros e a montagem de exposições. Sem dúvida, o principal impulso para todo esse investimento estava assentado no fato de o próprio combate ao comunismo ter servido de principal justificativa para a

⁵¹ Ibidem, p. 92 e 93.

instauração da ditadura e, com ela, para o fechamento do Congresso, para a extinção dos partidos políticos e para a instauração de uma constituição de caráter autoritário.

Dessa forma, a prática do anticomunismo se constituiu como o próprio cerne da existência do regime. A fim de garantir a continuidade dele, era preciso propagar seus princípios basilares para a geração futura. Daí a preocupação em difundir o anticomunismo entre as crianças. Uma das formas utilizadas com esse objetivo foi a publicação pelo DNP de livros voltados ao público mirim, sendo *Um passeio de quatro meninos espertos na Exposição do Estado Novo* um dos melhores exemplos. Nele, procurou-se apresentar os simpatizantes do comunismo como os maiores inimigos da nação e a Rússia como o centro do mal, contra os quais todos deveriam voltar-se.

Referências:

Bibliografia

AMADO, Jorge. *Capitães de Areia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

CANCELLI, Elizabeth. *O mundo da violência: a polícia da era Vargas*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2ª edição, 1994.

CASTRO, Celso. *A invenção do Exército brasileiro*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

FRAGA, André Barbosa. “Os nossos grandes mortos”: patriotismo em palestras do MES. In: *Os heróis da pátria: política cultural e história do Brasil no governo Vargas*. Curitiba: Prismas, 2015, p. 151-207.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *Em guarda contra o "perigo vermelho": o anticomunismo no Brasil (1917-1964)*. 2000. 315 f. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, 2000.

MOURELLE, Thiago; FRAGA, André (orgs.). *Olhares sobre o governo Vargas*. Rio de Janeiro: Autografia, 2017.

NEGRÃO, João Henrique Botteri. *Selvagens e incendiários: o discurso anticomunista do governo Vargas e as imagens da guerra civil espanhola*. São Paulo: Associação Editorial Humanitas/Fapesp, 2005.

PARADA, Maurício. *Educando corpos e criando a nação: cerimônias cívicas e práticas disciplinares no Estado Novo*. Rio de Janeiro: PUC-Rio/Apicuri, 2009.

RAMOS, Graciliano. *Memórias do Cárcere* (vol. I). São Paulo: Record, 1994.

_____. *Memórias do Cárcere* (vol. II). São Paulo, Record, 1996.

VIANNA, Marly de A. G; SILVA, Érica S. da; GONÇALVES, Leandro P. (org.). *Presos políticos e perseguidos estrangeiros na Era Vargas*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2014.

Fontes

Arquivo Gustavo Capanema. CPDOC/FGV.

GC f 1935.05.00 (II-21).

GC foto 147/1 e 147/3.

Publicações do DNP

Exposição Nacional do Estado Novo. Rio de Janeiro: DNP, 1939.

O Brasil é bom. Rio de Janeiro: DNP, 1938.

SOUZA, Odette de Carvalho e. *Evolução do comunismo no Brasil*. Rio de Janeiro: DNP, 1939.

Um passeio de quatro meninos espertos na Exposição do Estado Novo. Rio de Janeiro: DNP, 1939.

20 anos de trágica experiência: a verdade sobre a Rússia Soviética. Rio de Janeiro: DNP, 1938.

Jornais

A Exposição do Estado Novo está obtendo o maior êxito. Jornal *O Imparcial*, Rio de Janeiro, domingo, 18 dez. 1938, p. 3 e 16.

A Exposição do Estado Novo. Jornal *A Batalha*, Rio de Janeiro, sexta-feira, 25 nov. 1938, p. 6.

A Exposição Nacional do Estado Novo. Jornal *A Batalha*, Rio de Janeiro, quinta-feira, 8 dez. 1938, p. 2.

Exposição Nacional do Estado Novo. Jornal *A Batalha*, Rio de Janeiro, terça-feira, 13 dez. 1938, p. 3.

Inaugura-se hoje a XI Feira Internacional de Amostras. Jornal *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, quarta-feira, 12 out. 1938, p. 3;

Na Exposição Nacional do Estado Novo. Jornal *A Batalha*, Rio de Janeiro, terça-feira, 27 dez. 1938, p. 3.

O encerramento da Feira de Amostras. Jornal *O Radical*, Rio de Janeiro, domingo, 20 nov. 1938, p. 7.

O Parque Shanghai e a Exposição Nacional do Estado Novo. *Jornal A Batalha*, Rio de Janeiro, domingo, 11 dez. 1938, p. 3.

Será prorrogada a Exposição Nacional do Estado Novo. *Jornal A Batalha*, Rio de Janeiro, domingo, 25 dez. 1938, p. 8.

Uma visita à Exposição do Estado Novo. *Jornal A Batalha*, Rio de Janeiro, sexta-feira, 16 dez. 1938, p. 6.

Um passeio de quatro meninos espertos na Exposição do Estado Novo. *Jornal Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, domingo, 2 jul. 1939, p. 8.